

A PAIXÃO DO CIÚME: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO

Arnaldo CORTINA¹

- **RESUMO:** Por meio da perspectiva teórica da semiótica greimasiana pretende-se, neste trabalho, observar como um texto de Nelson Rodrigues trata uma das manifestações passionais, no caso específico, o ciúme. Sem se preocupar em explicitar cada um dos elementos ordenadores do percurso gerativo de sentido, este trabalho procurará mostrar a dinâmica da constituição do sentido, engendrado nos três níveis de manifestação desse percurso, para chegar ao exame das estruturas de superfície, mais especificamente a enunciação e os temas. A partir desse exame das relações imanentes ao texto, pretende-se ainda mostrar que elas se interligam aos condicionantes sócio-históricos que incidem sobre o texto e que fazem parte também da organização de seu sentido.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; enunciação; leitura; paixão; tema; sentido.

Introdução

As paixões mais sérias do homem são dos seis aos dez anos. (RODRIGUES, 1997)

Um dos propósitos das análises textuais consiste em observar como o sentido, manifestado na superfície discursiva, por meio do exame dos mecanismos sêmio-lingüísticos, constrói-se no processo de produção do texto e, ao mesmo tempo, como esse sentido é captado pelo leitor. Outro propósito consiste em mostrar ainda as determinações sócio-históricas que incidem sobre o texto e que o condicionam ideologicamente, ao mesmo tempo em que se procura observar, da mesma forma que na perspectiva anterior, a relação entre o leitor e o texto.

Os diferentes procedimentos metodológicos empregados nos trabalhos de análise de texto ou de discurso distinguem-se basicamente em duas vertentes. Há aqueles

¹ Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – Brasil. E-mail: cortina@fclar.unesp.br.

que têm uma perspectiva imanentista, na medida em que procuram detectar os sentidos do texto por meio do exame de sua organização lingüístico-discursiva, relegando para segundo plano o que consideram externo a ele, isto é, seu contexto sócio-histórico. Existem, porém, outras perspectivas que se auto-denominam sócio-históricas, ideológicas, psicológicas ou, para usar um termo mais genérico, culturais, que buscam a reconstituição do sentido do texto por meio do exame de sua relação com o contexto em que está inserido.

Quando se discute a interpretação de texto, a grande questão consiste em considerar que o sentido está dado pelo próprio texto, visão imanentista, ou que ele só se constrói na medida em que um leitor, inserindo-o no contexto da leitura e no da produção, desvenda esse sentido, visão cultural. A primeira perspectiva é dita estruturalista, a segunda, pós-estruturalista. Uma centra-se no texto; a outra, no leitor.

Um dos reflexos atuais dessa diferença de perspectiva pode ser observado no livro de Eco (2001), *Interpretação e superinterpretação*. Essa obra apresenta três conferências proferidas por Umberto Eco, em 1990, quando foi convidado a ser o conferencista Tanner de Clare Hall, na Universidade de Cambridge. Às três conferências seguem-se os comentários de Richard Rorty (filósofo, catedrático de Humanidades na Universidade de Virgínia), Jonathan Culler (catedrático de Inglês e Literatura Comparada da Universidade de Cornell) e Christine Brooke-Rose (catedrática de Literatura na Universidade de Paris VIII). Ao final, há outro texto de Eco que apresenta a réplica às observações feitas pelos textos dos outros três professores anteriormente citados.

Em suas conferências, Eco (2001) irá discutir sua distinção entre *intentio auctoris*, *intentio operis* e *intentio lectoris* quando trata a questão da interpretação. Em contraposição a ela, para o autor, uma superinterpretação consiste no processo de atribuição de sentidos ao texto que são muito mais uma expectativa interpretativa do leitor do que realmente o reconhecimento daquilo que o texto diz. Ao abordar o processo de reconhecimento da coerência interpretativa do texto, Eco irá reportar-se à noção de isotopia definida por Greimas e Courtés ([1980-], p.73) como “um complexo de categorias semânticas múltiplas que possibilitam a leitura uniforme de uma história”. E será, segundo ele, a partir dessa perspectiva que entenderá a noção de intenção do texto.

O debate clássico tinha por objetivo descobrir num texto ou o que seu autor pretendia dizer, ou o que o texto dizia independentemente das intenções de seu autor. Só depois de aceitar a segunda alternativa do dilema é que podemos perguntar se aquilo que foi encontrado é o que o texto diz em virtude de sua coerência textual e de um sistema de significação original subjacente, ou é o que os destinatários descobriram nele em virtude de seus próprios sistemas de expectativas.

É claro que estou tentando manter um elo dialético entre a *intentio operis* e a *intentio lectoris*. O problema é que, embora talvez se saiba qual deve ser a “intenção do leitor”, parece mais difícil definir abstratamente a “intenção do texto”. A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido da carta roubada. É

preciso querer “vê-la”. Assim é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor. A iniciativa do leitor consiste basicamente em fazer uma conjectura sobre a intenção do texto. (GREIMAS; COURTÉS, [198-], p. 74-75, grifo do autor)

A discussão estabelecida por Eco (2001) em suas conferências tem por base a defesa de uma perspectiva que consiste em afirmar que um texto é suscetível a muitas leituras sim, mas não a qualquer leitura. Para que a interpretação de um texto possa ser reconhecida é preciso que ela leve em consideração aquilo que o texto diz e, a partir daí, possa relacionar o dito com o contexto sócio-histórico-ideológico da leitura. A argumentação em torno dessa questão sobre a interpretação já vinha sendo trabalhada por Eco antes de pronunciar as conferências na Universidade de Cambridge, pois no mesmo ano, 1990, publica o livro *I limite dell'interpretazione*, citado em nossas referências bibliográficas na tradução brasileira como Eco (2000).

Nosso propósito neste trabalho consistirá em mostrar que a perspectiva da semiótica greimasiana é uma opção metodológica de tratamento do texto bastante produtiva. Na medida em que acreditamos, tal como postula Eco (2000), que uma interpretação deva partir da materialidade lingüística do discurso, a proposta semiótica para o trabalho com a linguagem pode ser de grande utilidade. Não temos a pretensão de dizer que o modelo semiótico de Greimas é a melhor de todas as perspectivas de trabalho com o sentido, menos ainda afirmamos que a perspectiva sócio-histórica seja equivocada. O que pretendemos apenas é valer-nos do instrumental teórico da semiótica para observar como o texto que analisaremos no próximo item deste trabalho organiza-se para, a partir desse exame de sua constituição podermos relacioná-lo, por meio da instância discursiva, com um contexto cultural mais amplo. O que defendemos, portanto, não é nem a perspectiva somente estruturalista nem a apenas cultural; nossa proposta é a intersecção dessas duas vertentes.

Uma das características do grupo criado na França por Greimas consiste na crença de que a semiótica por eles praticada não é uma proposta acabada de tratamento do sentido. Na realidade todos a entendem como uma teoria em construção, que tem passado por diversos momentos de avaliação e de experimento de diferentes propostas para antigas perguntas oriundas das primeiras reflexões em torno de uma semântica da língua.

O olhar de um leitor sobre o texto

Todo casal exige uma vítima, assim como exige um algoz. Para o bom equilíbrio da casa, é preciso que a vítima aceite o seu papel e que o algoz como tal se comporte. (RODRIGUES, 1997)

Nosso exercício de interpretação balizado pela perspectiva metodológica da semiótica greimasiana terá como *cópus* de análise o texto de Myrna, intitulado “É uma delícia o ciúme sem motivo”. Em verdade a “autora” do texto é um ator criado por Nelson Rodrigues que escreve uma coluna feminina no jornal *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, ao final da década de 1940. Uma seleção dos textos dessa coluna, elaborada por Caco Coelho, é publicada em 2002, sob o título *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo*².

Quando examinamos o nível de superfície do percurso gerativo de sentido no texto de Nelson Rodrigues em questão percebemos que ele obedece a uma configuração discursiva que o delimita tipologicamente. Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração que ele se configura como uma carta. Mas não corresponde a uma carta comum, própria da correspondência entre duas pessoas que estão distantes e que mantêm vínculos específicos (coleguismo, amizade, amor, parentesco) que justifiquem a produção do objeto escrito para que o contato entre elas seja estabelecido. A carta que examinamos é característica de sessões de jornais (poderia aparecer também numa revista) em que uma pessoa dá conselhos a outra que lhe escreve expondo um problema. No caso da carta em questão, o problema discutido é o ciúme. O estatuto de coluna de conselho de jornal é assegurado pela expressão grifada que precede o título da carta: “Myrna escreve”.

Três atores estão manifestados na superfície verbal do texto. O primeiro é o enunciador, constituído por meio de uma *debreagem* enunciativa, que consiste na projeção da forma de primeira pessoa do discurso. Essa configuração do enunciador pode ser percebida por meio de formas verbais e pronominais espalhadas ao longo do texto, tais como, “minha”, “me”, “eu”, “observei”, “imagino”, “sei”. Há uma expansão da marca de primeira pessoa, no último parágrafo do texto, quando o enunciador se vale da primeira pessoa do plural para se referir a si próprio, manifestada na forma verbal “digamos”. Segundo Fiorin (1996) trata-se de um *nós* exclusivo, próprio da junção entre o *eu* e *eles*, no caso do texto em análise, de Myrna (enunciador) e de seus leitores (referentes) em relação a Miriam (enunciatário). Podemos pensar também que esse *nós* é mais genérico, no sentido de que se refere ao senso comum, isto é, ao que todas as pessoas pensam, incluindo nesse caso o próprio enunciador.

O segundo ator construído pelo texto é o enunciatário que, na coluna de Myrna, é desdobrado em duas configurações diferentes. Uma é explicitada no texto por meio da forma pronominal “você”, no último parágrafo, quando Myrna dirige-se diretamente a Miriam para lhe dar a prova final de que o ciúme é benéfico. A outra forma de manifestação do enunciatário está pressuposta pelo discurso do enunciador. Com exceção do primeiro parágrafo em que, como acabamos de ver, ele se dirige ao enunciatário Miriam, em todas as outras partes do texto dialoga com um leitor genérico para falar sobre o problema de Miriam. É nesse sentido que dissemos que o enunciatário da car-

² O texto objeto da análise aparece reproduzido na íntegra em anexo a este trabalho.

ta é duplo, ora Miriam ora os demais leitores, já que a carta não é uma correspondência exclusiva entre duas únicas pessoas.

Podemos identificar ainda uma debreagem enunciativa de segundo grau quando, para fazer referência ao relacionamento de Miriam com seu namorado, Myrna reproduz o discurso de Miriam. Isso pode ser identificado em dois momentos do segundo parágrafo da carta: "Eu daria tudo para ele não ser assim" e "Ele não tem o menor motivo!", em que a forma "eu" materializa o enunciador Miriam, citado pelo discurso de Myrna, e a forma "ele", o referente do enunciado, no caso o sujeito ciumento encarnado pelo namorado de Miriam.

O terceiro ator é uma consequência do que mostramos acima. Corresponde à terceira pessoa do ato comunicativo instaurado pelo objeto carta, isto é, novamente a Miriam. Isso acontece porque o tempo todo em que o enunciador se dirige ao enunciatário "leitores" está sempre fazendo referência a um "ela", Miriam, pessoa cuja opinião e cujo comportamento são motivos de seus comentários.

Do ponto de vista das determinações espaço-temporais, há no discurso da carta a manifestação enunciativa de um espaço do "aqui" e de um tempo do "agora". Ressalte-se que as concretizações de espaço e tempo no tipo de discurso das cartas de conselho a leitores em jornais ou revistas são marcadas pelo próprio suporte material. Tanto o jornal quanto a revista têm uma data identificada. Assim, o discurso de Myrna está ancorado no momento presente para comentar um fato anterior, narrado pela leitora que lhe pede conselhos, com vistas a abordar o futuro, isto é, o estado do sujeito Miriam em conjunção com a felicidade, na medida em que aceite continuar sendo o objeto do ciúme de seu namorado.

Por ser um texto em que há a defesa de um determinado ponto de vista e não a narração de um acontecimento, pode ser caracterizado tipologicamente como predominantemente temático. O tema a partir do qual se constrói a carta é, como já dissemos, o ciúme no relacionamento amoroso.

Como, para a constituição do discurso, segundo a perspectiva da semiótica, devem ser observados os enunciados de estado e de fazer, responsáveis pelo jogo de transformações que põe em marcha o texto, temos caracterizado, mesmo que se trate de um discurso temático, o princípio de narratividade. Assim, observamos que a defesa do ciúme como algo benéfico no amor decorre da observação de uma situação apresentada por Miriam: ela está em conjunção com o objeto de seu amor, seu namorado, mas esse estado de conjunção é continuamente ameaçado pelo ciúme que ele demonstra ter em relação a ela. Essa constante ameaça de rompimento de contrato estabelecida entre seu destinador e seu destinatário é a causa de sofrimento do sujeito Miriam. O estado de sofrimento desse sujeito é maior tendo em vista o fato de não realizar nenhum outro fazer que justifique a desconfiança do namorado ("Ele não tem o menor motivo!"). E esse estado de angústia gera a espera, que também faz parte de seu sofrimento ("Eu daria tudo para ele não ser assim!"). O sujeito passional, Miriam,

idealiza o simulacro de um relacionamento subjetivo, aos moldes do que Greimas (1983) chamou de *espera fiduciária*.

Segundo Fontanille (2003), a paixão do ciúme é constituída por um triângulo que compreende as posições de três actantes: o sujeito ciumento, o objeto do ciúme e o sujeito rival. Embora apresente uma distinção entre o ciúme amoroso e o ciúme social, não nos ocuparemos neste trabalho do segundo tipo, tendo em vista o fato de que esse tipo de ciúme não se manifesta no texto em análise. Parece, porém, interessante observar que, segundo o autor, o que distingue cada um dos dois tipos de ciúme é o fato de que, para o ciúme amoroso, o que importa é o objeto amado (ou objeto do ciúme), na medida em que ele é movido por um desejo de possessão (querer-ter), enquanto que para o ciúme social o foco de atenção é o sujeito rival, na medida em que o que se manifesta é um desejo de emulação (querer-ser).

No caso do texto que analisamos, portanto, o sujeito ciumento, que instaura a descontinuidade do estado de conjunção com sua parceira, é um sujeito em constante tensão. Ele é perseguido pelo desejo da posse e sente seu desejo ameaçado pelo medo de ser enganado, tal como Fontanille (2003) expressa por meio do termo *ombrage*³. Na verdade, o ciúme implica uma junção por saturação. Tudo parte do objeto que o sujeito não controla, que não lhe é imediatamente acessível, que é suscetível de escapar-lhe e que está à disposição de um rival potencial. Essa ligação entre o sujeito ciumento e o objeto do ciúme, segundo Fontanille, caracteriza-se por uma

[...] *tension vers la conjonction, surdéterminée par une nécessité: le sujet est entièrement sémantisé par son objet, l'objet est nécessaire à la stabilité de son identité. L'idéal serait donc que cet objet soit un entier insécable, un objet « massif » dont la possession serait elle aussi du type « tout ou rien »; en d'autres termes, la fiabilité de l'attachement possessif a pour corrélat la clôture et la compacité de l'objet.* (FONTANILLE, 2003, p. 72)⁴

Na constituição discursiva do texto de Myrna, o namorado de Miriam corresponde a um ator que, na relação contratual estabelecida com ela, ocupa diferentes posições actanciais. Apontaremos aqui especificamente duas: ao mesmo tempo em que é o objeto do querer de Miriam, aquele que a impulsiona a manter a continuidade de seu estado (conjunção com o rapaz), é também seu destinador-julgador, na medida em que sanciona negativamente toda a ação praticada por ela que lhe pareça contrária à condição imposta para a manutenção do estado de conjunção (o desvio da exclusividade).

Diante dessa situação o sujeito do querer recorre a um terceiro sujeito para tentar

³ *"l'ombrage est la projection d'une défiance, et la perception d'une possible compétition, voir d'un conflit qui menace."* (FONTANILLE, 2003, p. 74) [a sensação de ser deixado de lado é a projeção de uma desconfiança, e a percepção de uma possível competição, ou de um conflito que ameaça (tradução nossa)].

⁴ [...] tensão em direção à conjunção, sobredeterminada por uma necessidade: o sujeito é totalmente semantizado por seu objeto, o objeto é necessário para a estabilidade de sua identidade. O ideal seria então que esse objeto fosse um todo indivisível, um objeto "massivo" cuja posse seria também do tipo "tudo ou nada"; em outros termos, a confiabilidade da ligação possessiva tem por correlato o fechamento e a compacidade do objeto. (FONTANILLE, 2003, p. 72, tradução nossa).

resolver seu conflito. Myrna funciona para Miriam como um sujeito doador, aquele que possivelmente pode ouvi-la e de quem espera a revelação de um saber. De posse desse saber Miriam pode resolver o conflito instaurado pelo ciúme de seu parceiro. A expectativa da reclamante, por se tratar de uma coluna feminina, em que as mulheres procuram conforto para seus problemas específicos, o que inclui seus relacionamentos com homens, parece ser a de quem espera uma crítica ao comportamento do ciumento que tortura sua parceira continuamente. Contrariamente, porém, a essa expectativa, Myrna vai sancionar positivamente o fazer do ciumento e negativamente o desejo de Miriam. Para isso dirige-se a um auditório, todos os outros leitores (ou leitoras) de sua coluna, para produzir esse julgamento. O saber que ela doa a Miriam é que ela não deve reclamar do ciúme do namorado, pois o que ele expressa com sua atitude é um profundo amor por ela. O ciúme, portanto, não é um mal, mas um bem.

Na relação dialógica estabelecida entre Myrna e Miriam, a primeira é qualificada como possuidora de um saber (“Na minha passagem pelo mundo, venho constatando[...]”; “Observei, também, o seguinte [...]”), o que a investe de um poder, isto é, ela tem experiência e pode ensinar Miriam a enfrentar o problema. Para Miriam o ciúme opõe-se à confiança e, nessa relação, o primeiro elemento da oposição é disfórico e o segundo, eufórico. Diríamos ainda que, para ela, o ciúme tem um valor negativo e a confiança um valor positivo.

Myrna, porém, argumenta exatamente o inverso dessa relação. O que sua experiência mostra é que, na oposição entre ciúme e confiança, o primeiro tem valor eufórico e o segundo, disfórico; o primeiro é positivo, o segundo, negativo. Para ela o que a história da humanidade tem provado é que quem ama verdadeiramente ~~tem~~ ciúme e quem não ama não o tem. Dessa forma, retira toda a carga negativa que o sujeito ciumento adquire na configuração passional, pois seu desejo de posse é sinônimo de amor.

Cria-se, portanto, na relação entre as duas, um outro programa narrativo em que Myrna é o sujeito manipulador que age sobre Miriam, sujeito manipulado, para levá-la à conjunção com um saber (ciúme significa amor) que, conseqüentemente, será responsável pela resolução do conflito que ela vive com seu namorado. Esse processo de manipulação compreende, como já dissemos acima, a demonstração da competência do sujeito manipulador por estar investido de um saber. Por outro lado, a explicitação desse saber, além das expressões iniciais que também apontamos no parágrafo acima, dá-se pela construção do processo argumentativo do discurso da colunista. Ela se vale da referência ao passado e da análise do presente.

A referência ao passado é realizada pelo sujeito manipulador aos moldes da argumentação pelo exemplo, apresentada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) quando discutem os procedimentos retóricos do texto. Para justificar que o ciúme existe desde a criação do mundo, o enunciador faz referência ao texto bíblico, citando as personagens Adão e Eva e as situações de ciúme que imagina terem existido entre eles. Do ponto de vista da superfície discursiva podemos dizer que o discurso desse enunciador expressa um paradoxo (como Adão poderia sentir ciúme de Eva se não existia ou-

tro homem no paraíso?), que corresponde à presença de um sujeito da enunciação, pressuposto pelo enunciado, manifestado no texto. Mais adiante retomaremos essa questão.

A análise do presente consiste nos argumentos apresentados para justificar que, para a mulher, um homem que não sente ciúme é pior do que um que sente. Primeiramente o enunciatador afirma que um homem que não tem nenhuma suspeita da mulher com quem se relaciona é decepcionante, pois isso significa que ela deve não "inspirar o menor interesse aos outros homens" ou que é vista como um ser inumano, pois nunca tem falhas. Em segundo lugar, para Myrna, o ciúme é um estímulo para o amor e, para tanto, tem que ser sem fundamento. O ciúme com fundamento, resultado da traição da mulher em relação a seu parceiro, só pode levar ao fim do relacionamento, isto é, à descontinuidade do estado de conjunção.

Se observarmos, portanto, a organização fundamental a partir da qual se desenvolve o plano do conteúdo do texto em análise, veremos que há uma contraposição entre dois sistemas distintos de interpretação de um estado. O exame do esquema tensivo, a partir das proposições de Fontanille e Zilberberg (2001), aponta-nos uma correlação entre a intensidade e a extensidade que, por correlação, contrapõe o sensível e o inteligível. Assim, a interpretação da situação do ciúme presente no discurso de Miriam marca como valor forte o movimento de intensidade e como fraco o de extensidade. Em seu discurso, a ação do ciúme é amplificada ao invés de ser atenuada. No discurso de Myrna, ao contrário, em relação à caracterização do ciúme, a extensidade é marcada com um valor forte e a intensidade com um valor fraco. Há, portanto, no caso de Myrna, uma atenuação da ação do ciúme ao invés de sua amplificação. O efeito de somação que está na base interpretativa de Miriam, que é decorrente do processo de amplificação da intensidade, corresponde à manifestação do sensível. O efeito de resolução que está na base interpretativa de Myrna, que é decorrente do processo de amplificação da extensão, corresponde à manifestação do inteligível. Assim, observando os esquemas básicos de organização dos sentidos a partir dos quais manifesta-se o plano do conteúdo do texto em análise, identificamos uma contraposição entre emoção e razão. Miriam é afetada pela emoção; Myrna, pela razão.

O exame dessa organização imanente do texto de Nelson Rodrigues (2002) que aqui levantamos poderia destacar ainda outros aspectos que não levamos em consideração, mas o que procuramos mostrar é que a perspectiva da semiótica consiste em, inicialmente, examinar a constituição do sentido gerada pelo texto para, a partir disso, relacioná-lo a outros elementos de categoria de análise interpretativa possíveis. Se retomarmos a perspectiva de Eco (2000, 2001), partimos do exame das intenções da obra para construir nossa leitura, isto é, a intenção do leitor.

Na sessão seguinte, portanto, examinaremos outros elementos importantes para a expansão do processo interpretativo do texto em questão a partir do que foi até agora levantado de sua constituição discursiva.

O olhar de um leitor em torno do texto

A mulher normal, equilibrada, é capaz de amar dois, três, quatro ao mesmo tempo. O amor múltiplo é uma exigência sadia de sua carne e de sua alma. A exclusividade que ela dá, e que o homem exige, representa um equívoco ou pior: – um aviltamento progressivo e fatal. (RODRIGUES, 1997)

Quando contrapomos o texto selecionado para o exercício interpretativo realizado no item anterior aos outros que compõem o volume editado pela Companhia das Letras muitos dos aspectos levantados amplificam-se.

Em primeiro lugar, o tema explorado em “É uma delícia o ciúme sem motivo” repete-se em algumas outras cartas-respostas e, ao mesmo tempo, dilui-se entre outros temas. Por outro lado, porém, o discurso de Myrna ganha mais nitidez em decorrência das repetições e da observação dos outros contextos.

No posfácio de Caco Coelho há a informação de que, durante todo o mês de março de 1949, o *Diário da Noite* desencadeou “uma intensa campanha publicitária” em torno da identidade da colunista Myrna que conversava com seus leitores pelo jornal para lhes dar conselhos sentimentais. A campanha partia da pergunta: *Quem será ela, afinal?* (RODRIGUES, 2002, p. 139)

O primeiro texto que abre o volume de Nelson Rodrigues é o que lhe dá o título, *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo*. Nesse texto Myrna dá uma resposta à pergunta que havia movido a campanha publicitária promovida pelo jornal tal como nos é informado no posfácio. Sua resposta à pergunta título da campanha, ao final desse primeiro texto, é: “Apenas uma mulher” (RODRIGUES, 2002, p. 11). A justificativa para essa afirmação tão genérica é que o que estava em causa em seus textos não era ela, mas sim seus leitores. E usamos aqui o termo leitores porque ela não recebia cartas apenas de mulheres, embora fossem a maioria, mas também de homens.

Nesse primeiro texto ela atesta sua competência para auxiliar quem a procura em matéria de casos sentimentais. Da mesma forma que examinamos na interpretação apresentada no item anterior deste trabalho, ela parte da exposição de um caso particular: o seu. Diz que também se apaixonou por um homem quando tinha seus dezessete anos e, com o passar do tempo, foi percebendo que não era feliz com ele embora o continuasse amando e soubesse que o mesmo acontecia com seu parceiro. Na época em que descobre seu estado de conjunção com o amor e disjunção com a felicidade conhece “uma senhora amiga, de vasta experiência amorosa” que lhe diz exatamente a frase: “não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo” (RODRIGUES, 2002, p. 10). A partir disso Myrna afirma para seus leitores:

Depois, realizei uma série de estudos, adquiri e aprofundei-me em conhecimentos que a maioria das pessoas julga suspeitos ou surpreendentes. Olhar o futuro, como se ele já fosse passado, como se ele já tivesse acontecido. Eu poderia, simplesmente, aplicar essa visão ou antevisão em assuntos gerais. Poderia adivinhar, para os que me consultassem, viagens, sucessos comerciais, sorte grande etc. etc. Mas eu sou mulher e é para as mulheres que me volto, com toda a minha simpatia humana. (RODRIGUES, 2002, p. 10-11)

É dessa forma, portanto, que o enunciador Myrna qualifica-se para julgar o comportamento das pessoas e para auxiliá-las em relação às questões sentimentais. Seu foco são sempre as mulheres, pois, mesmo que os homens lhe escrevam, fazem isso para falar de seus problemas de relacionamento com mulheres. Seu saber é praticamente o de uma profetisa, um mago, na medida em que lhe permite prever o futuro das pessoas. O apelo explícito à leitora, com que antecede sua frase que a caracteriza como uma simples mulher, é o seguinte: "Dê seu primeiro nome e o primeiro nome do seu namorado, noivo ou marido. A data de nascimento de ambos. E conte seu romance. Eu lhe direi a verdade, só a verdade, presente e futura." (RODRIGUES, 2002, p. 11) O discurso de Myrna, portanto, é modalizado pelo ser e pelo parecer, os pólos positivos do eixo da imanência e da manifestação, por esse motivo é a afirmação da verdade. Iconicamente, o compromisso com a verdade expresso no discurso de Myrna é corroborado pela figura de uma bela mulher de olhos vendados que aparece ao lado de sua coluna no jornal, conforme revela Caco Coelho no posfácio. Essa figura insere no espaço textual o conceito de justiça à que a verdade está ligada.

Sobre a reiteração da questão do ciúme no relacionamento amoroso, Myrna responde o seguinte para Kátia Vevel que lhe escreve dizendo que sofre muito porque tem ciúme de tudo e de todos com relação a seu parceiro:

[...] acontece uma coisa com os sofrimentos de amor: eles se tornam um hábito, se fazem necessários e, no fim de certo tempo, se incorporam à nossa vida, participam dela, de maneira integral. Sofrer pela criatura amada – permita que lhe diga – não é um mal, é quase um bem. Você conhece tristezas mais lindas, mais inspiradoras, do que as tristezas do amor? Não, não há, minha querida amiga. Uma pessoa sensata diria: "São tristezas", ao que eu replicaria: "Mas de amor!". E tristezas desta natureza valem qualquer alegria. (RODRIGUES, 2002, p. 15-16)

Em "Infeliz da mulher que não sabe perdoar" Myrna aconselha Juannita, uma mulher que foi abandonada pelo marido depois de 36 anos de casamento por causa de outra, que ela deva procurá-lo e oferecer seu perdão para que ele volte para casa. Mesmo reafirmando que Juannita tem toda a razão de se sentir ferida em seu amor-próprio e que seu marido foi cruel e indigno ao cometer a traição, diz que o perdão é o bem maior de toda mulher, que sua felicidade consiste em fazer o outro feliz.

No texto "É preciso merecer a fidelidade", por outro lado, Myrna aconselha um homem chamado Vadu que lhe escreve dizendo que está cansado da vida de solteiro, de

seus diversos relacionamentos com mulheres apenas pelo sexo, mas que não se casou ainda porque tem medo da traição. Ele quer saber de Myrna onde poderá encontrar uma mulher que lhe dê todas as garantias de fidelidade. A essa indagação de Vadu ela responde o seguinte:

Ingênuo e comovente Vadu! Ele incide em um equívoco milenar do homem e da mulher. Pois esta ingenuidade não é de ontem, nem de hoje, mas de todos os tempos. Cada cidadã, ou cidadão, pensa que a fidelidade é um dom nato, uma virtude que nasce com a pessoa e morre com ela. Ninguém está disposto a considerar a soma de fatos, a soma de circunstâncias e de imprevistos, que fazem uma pessoa fiel ou infiel. Ninguém se casa expressamente para ser fiel, nem expressamente para ser infiel. De um modo geral, qualquer criatura pode tornar-se uma coisa ou outra, segundo variadíssimos fatores. Direi mais: a fidelidade não depende nem da mulher, nem do homem, mas da criatura amada. (RODRIGUES, 2002, p. 61-62)

Vários outros exemplos poderiam ser retirados das diferentes respostas de Myrna aos leitores para discutir o ciúme ou a insegurança dos parceiros de uma relação, mas o que podemos observar em todas elas, a começar pelo próprio título da primeira coluna de Myrna, é que o conselho reiterado em todas as circunstâncias é o conformismo, a aceitação de que os relacionamentos humanos são incompletos e que amor e felicidade não podem coexistir na mesma proporção. Essa valorização da passividade é dirigida de maneira direta à mulher.

O que esse passeio pelos outros textos que configuram o discurso de Myrna nos revela é que entre o ator que exerce a função de enunciador e a instância da enunciação pressuposta há um deslocamento. Myrna, o enunciador do texto, parece assumir um discurso feminino, mas na realidade esconde a perspectiva masculina. A coluna de Myrna, portanto, é uma paródia das colunas de conselho sentimental femininas. Por trás da voz de Myrna esconde-se uma outra, masculina, que, fingindo dar conselhos para valorizá-las, reafirma para as mulheres a aceitação do sofrimento, ou da infelicidade, como um estado contíguo ao do amor. Veja, por exemplo, a coluna intitulada "A mulher é uma escrava espontânea". Se a mulher ama, mas é objeto do ciúme do parceiro, o que lhe causa infelicidade, deve resignar-se a essa situação porque ela é incontornável. Ao mesmo tempo, se ama, mas tem ciúme de seu parceiro, o que também é motivo de infelicidade, deve, uma vez mais, resignar-se, pois o que se afirma o tempo todo é que o ciúme é uma consequência do amor. É nessa relação entre parecer e não-ser que se dá o deslocamento enunciativo a que nos referimos.

Nesse sentido, portanto, a contraposição tensiva que examinamos na análise do texto de Nelson Rodrigues no item anterior ganha agora uma outra dimensão. Na verdade, para o discurso de Myrna o valor de extensidade atribuído ao ciúme, em contraposição à intensidade para Miriam, é uma forma de manipulação de um sujeito da enunciação, camuflado na figura do enunciador, em relação ao enunciatário Miriam.

por ele se não sofria por ter matado seus próprios filhos, Medéia irá responder: “É claro, porém sofro menos se não ris.” (EURÍPIDES. 2001, p. 74)

O riso a que ela se refere é aquele que Jáson produziria depois de ter realizado um juramento e não o ter cumprido, deixando Medéia completamente desamparada. E quando Jáson a acusa de assassina ela dirá que a responsabilidade da morte de seus filhos é dele mesmo, quando aceitou desposar a filha de Creonte.

O que procuramos ressaltar nessa referência à peça de Eurípides é a dimensão trágica da traição no amor. É nesse sentido que o ciúme está sempre ligado ao sofrimento, a um valor negativo.

Outro exemplo que trata dessa questão trágica do ciúme, agora mais direto que no caso da peça de Eurípides, é “Otelo”, de Shakespeare. O que cria a dimensão trágica do assassinato de Desdêmona, realizado pelas mãos de seu próprio amado, é a suspeita de traição, maquinada por Iago, com o propósito de vingança. Diferentemente do texto de Eurípides, porém, o de Shakespeare retrata o processo de instauração do ciúme, uma vez que Otelo vai concretizando uma suposta relação entre Desdêmona e Cássio, devido às ardilosas mentiras que Iago lhe conta. Toda a ação constrói-se a partir da instauração da suspeita de que Desdemônia tem o poder e o saber para realizar a traição. Da mesma forma que Medéia, ela trai os desejos de seu pai para unir-se a seu amado e quando ele, Bramâncio, fica sabendo que ela já havia se casado com Otelo, dá o seguinte conselho a ele: “Mantém-na sob tuas vistas, Mouro, se é que tens olhos para enxergar. Ela enganou o próprio pai, e pode vir a fazer o mesmo contigo.” (SHAKESPEARE, 2002, p. 36) Uma vez mais, na peça de Shakespeare, a paixão do ciúme é valorizada negativamente.

Observando as relações intertextuais que procuramos estabelecer aqui entre o texto da coluna de Myrna, objeto de nossa análise, e as duas peças a que nos referimos acima, percebemos que a construção do discurso de Myrna se dá na exata medida em que nega os discursos manifestos nos textos de Eurípides e Shakespeare. A perspectiva rodrigueana consiste na diluição da tragédia por meio da constatação de que no amor se deve estar consciente de que a felicidade e a infelicidade caminham juntas. E o ciúme deve ser encarado como uma fatalidade contra a qual não se deve lutar, pois, ao invés de ser um mal, é um grande bem. Não existe um grande amor se não existe o ciúme. Essa é, portanto, segundo nosso ponto de vista, a relação dialética entre o ser e o parecer a partir da qual o texto é construído.

Embora não tivéssemos a pretensão de esgotar todas as perspectivas de análise, o que procuramos mostrar neste trabalho foi um exercício de tratamento semiótico de um ato de comunicação, o texto. Para interpretá-lo, portanto, defendemos que devemos partir do exame de sua materialidade discursiva para, a partir daí, estabelecer as relações interdiscursivas e intertextuais que correspondem à inserção do texto no contexto sócio-histórico.

CORTINA, A. The jealousy passion: a semiotic discourse analysis. *Alfa*, São Paulo, v. 48, n.2, p 79-94, 2004.

- **ABSTRACT:** Couched in Greimas's semiotics, this paper examines how a text by Nelson Rodrigues (a 20th century Brazilian playwright) deals with jealousy -a particular manifestation of passion. Without detailing the particular order and path building elements responsible for generating the narrative sense path, this work will focus on the dynamics of meaning generation, engendered along the three levels of such path (deep, discourse, and semionarrative levels), leading to two particular surface structures: the utterance act and the themes. The analysis also shows that the relations that spring up from the text itself are intertwined with the social and historical conditioning that directly correlates with the text and that, accordingly, is responsible for its sense organization.
- **KEYWORDS:** Discourse; utterance act; reading; passion; theme, sense.

Referências bibliográficas

ECO, U. *Os limites da interpretação*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Série Estudos, n. 135).

_____. *Interpretação e superinterpretação*. Tradução MF. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EURÍPIDES. Medéia. In: _____. *Medeia. Hipólito. As troianas*. Tradução de Mário da Gama Kury. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. p.9-81.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996. (Ensaio 144).

FONTANILLE, J. *Les passion des sémiotique*. Texto xerocopiado e não publicado, apresentado durante o curso Semiótica das Paixões, ministrado pelo autor durante o XVI Instituto Brasileiro de Linguística, realizado pela Associação Brasileira de Linguística, no Rio de Janeiro, de 10 a 22 mar.2003.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas, 2001.

GREIMAS, A. J. *Du sens II*. Paris: Seuil, 1983.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, [198-].

PERELMAN, C. OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RODRIGUES, N. *Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues*. Organização e seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo: o consultório sentimental de Nelson Rodrigues/Myrna*. Seleção e posfácio de Caco Coelho. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SHAKESPEARE, W. *Otelo*. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Obras consultadas

BERTRAND, D. Os discursos de uma paixão. Tradução de Ângela Marques. *Cruzeiro semiótico*, Porto, n. 6, p. 32-45, jan. 1986.

_____. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução de Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.

FONTANILLE, J. *Sémiotique du discours*. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 1998.

_____. *Sémiotique et littérature: essais de méthode*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

TATIT, L. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Anexo A

MYRNA ESCREVE:

É uma delícia o ciúme sem motivo

Há, em amor, um problema sem possibilidade de solução: – o do ciúme. Quem ama, sente, fatalmente, ciúme. Com ou sem motivos. Isso tem sido assim através dos tempos. Muita gente diz: – “Ciúme é falta de confiança”. Seja e não importa. Na minha passagem pelo mundo, venho constatando o seguinte: os amorosos que têm confiança não são amorosos. Ou, pelo menos, não conhecem, ainda, o amor. Observei, também, o seguinte: – quem ama, desconfia, sempre. Desconfia das bobagens mais inverossímeis. Essa desconfiança não apresenta uma base racional, e sim uma base afetiva. O amoroso perde a lucidez, a objetividade, julga através de critérios sentimentais e precaríssimos, usa, para suas conclusões, os dados mais infantis. Acho que o primeiro casal do mundo – caso Adão e Eva – deve ter passado pelas mesmas experiências psicológicas. Imagino as brigas, as suspeitas que povoaram o paraíso. Imagino os conflitos, os bate-bocas. No plano do ciúme, Adão e Eva pouco diferiam de um casal dos nossos dias.

Por isso, me espanta que, nesta altura dos acontecimentos, alguém se escandalize porque a criatura amada tenha ciúme. É o que sucede com Miriam. Ela me escreve uma carta sentidíssima. Seu namorado parece, à minha leitora, o melhor do mundo. Ninguém mais cavalheiresco, ninguém com maior solicitude e com uma palavra mais amável e doce. Ele nasceu com a sabedoria dos galanteios que tocam fundo a alma da mulher, que fazem germinar, na alma da mulher, os sonhos mais ardentes. Incapaz de uma grosseria, de uma desatenção, sempre pronto a acariciar, a compreender. Em uma palavra, uma pérola. E seria, de fato, uma pérola cem por cento, não fosse um defeito grave, fonte de atritos e de mágoas: tem ciúme, o rapaz. E ciúme feroz. Miriam escreve-me, fazendo as queixas mais profundas. E diz: – “Eu daria tudo para ele não ser assim!” Pobre Miriam, ingênua Miriam! Mal sabe ela que pior, muito pior do que um homem ciumento é um que o não é. Nada mais desinteressante para uma mulher, nada que decepcione mais, que desencante, do que um homem simples e tranqüilo, que confie nela, que a coloque acima de todas as dúvidas e suspeitas. Vou mais longe: isso é mais do que desagradável – é humilhante. Por quê? Muito simples: porque significa que, na opinião do homem, a mulher não deve inspirar o menor interesse aos outros homens, ou, então, que ela própria deve ser algo de inumano, e, como consequência, infalível. Isso, por um lado. Por outro lado, o ciúme não quer dizer, ne-

cessariamente, desconfiança. O homem pode confiar, cegamente, em uma mulher e, ainda assim, ser ciumentíssimo. Ele não admite a traição, não quer que ela desvie um milímetro de sua atenção, cuidados e pensamentos, para outro homem. Outro aspecto: – o ciúme serve de estímulo vital para o amor. Observação comum esta, porém, de uma verdade essencial e eterna. Eu sei que Mirim alega: – “Ele não tem o menor motivo” Claro, Miriam, claro! E é preciso que assim seja, ciúme com motivo, com razões fundamentadas, significa que houve infidelidade, traição e que não existe outra alternativa, senão o rompimento. O bom, o doce, o recomendável ciúme, é aquele que nasce sem razão, que nasce sem motivo, que se não baseia em nenhuma prova concreta. Passa, então, a significar, apenas, amor, interesse, ternura e esse universal sentimento de exclusividade. Do contrário, significaria amor-próprio, dignidade ferida e honra.

Portanto, o ideal, o justo, o necessário é o ciúme sem motivo, o ciúme, digamos assim, irracional, no sentido de que prescindir do raciocínio. Ai de você, Miriam, ai do seu amor, se o bem-amado tivesse razão! Ela se lamenta de que o bem-amado tem ciúme. Devia se lamentar e chorar todas as suas lágrimas, se ele não tivesse.

RODRIGUES, N. É uma delícia o ciúme sem motivo. In: RODRIGUES, N. *Não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo: o consultório sentimental de Nelson Rodrigues/Myrna*. Seleção e posfácio de Caco Coelho. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 96-98.